

A lição de Sarney a Gorbachev

A euforia do Palácio do Planalto é a dívida perdoada pelo Kremlin

Qua. Dormi pouco ontem à noite para terminar um livro gigantesco e só acordei mesmo quando li de Brasília uma declaração do embaixador Seixas Correa, porta-voz do Planalto, menino de recados, de que o discurso de Gorbachev na ONU tinha sido a maior vitória da política externa brasileira no Governo Sarney. Qua. Que política? Que vitória? Desde quando um discurso faz coisas acontecerem? Seixas diz que Sarney propôs a Gorbachev o fim do mundo bipolar, EUA-URSS, em outubro. Gorbachev está falando nisso desde 1984, quando Sarney era presidente sem autoridade alguma da Arena que traiu se passando para a coligação com Tancredo Neves, do PMDB. E Gorbachev não precisa falar do assunto. É óbvio que a era "Leste-Oeste", em que só existiam duas potências, EUA-URSS, está não no fim, mas em transição para algo diferente em que a força econômica do Japão e de uma Europa Ocidental unida pesarão profundamente. Já pesam.

Mas não é disso que Sarney e seus maranhenses (quantos são?) estão querendo se gabar. É que Gorbachev pediu que melassem a dívida dos subdesenvolvidos, prometendo por sua vez, perdoar os trocados que a URSS tem emprestados. Trocados, e não os US\$ 1 milhão que o ocidente tem investido no terceiro e quarto mundo. Ai, se não tivessem de pagar os juros os maranhenses fariam novas ferrovias. Segundo Seixas, os maranhenses tomaram conhecimento do discurso à tarde, isto é, depois da siesta, e entraram em euforia (a banalidade do uso desta palavra de origem grega e com significado específico na imprensa brasileira perturba o meu sono).

É tudo papo furado, e velho. Brezhnev, "Breschnev", já dizia isto em 1967. Khrushchev, em discurso na ONU, em 1960, propôs a eliminação da bomba atômica e de hidrogênio. **Talk is cheap.** Falar é de graça. Os juros da dívida nem chegam à metade do saldo comercial brasileiro de 1988, previsto em US\$ 19 bilhões. Há dinheiro sobrando nas contas externas. O que não há é: 1) governo; 2) uma dívida interna que gera inflação e gera a implosão, para manter o estado de estatais falidas e marajás; e, 3) o assalto à mão armada desta camarilha de matungos em Brasília. Esta patuscada do pobre Seixas vem no dia em que o **Wall Street Journal** deu de primeira página uma reportagem sobre o Brasil onde a palavra mais amável sobre Sarney, da boca de brasileiros entrevistados, é incompetente... Fala-se paca de que o Brasil está oscilando da inflação para a hiperinflação. Quando esta chegar é "curtains" — o fim — para Sarney, que, "apud" Seixas, devemos acreditar que aconselhou, ao pé do ouvido (hum...), Gorbachev a dizer o que disse na ONU. Chegamos realmente a uma baixaria na vida pública brasileira em que palavras (quaisquer) se desconstroem a simples emissão. Amigos me contam, sem que eu peça e com dificuldade escondo o enfado, que o "Dr. Ulysses" teve numa pesquisa 7% a favor e 59 contra a que ele se candidatasse à Presidência. Mas vai assim mesmo, como deve ir para a Academia Brasileira de Letras, sem nunca ter assinado mais do que o nome em cheques. No mundo real, Gorby abafou em Noviorque. Teve de voltar às pressas para a casa porque houve um terremoto na Armênia. Não sou pitoniza e seria presun-

çoso presumir saber o que se passou na cabeça dele, mas aposto que, apesar de todo o horror pelas mortes na Armênia, deve ter respirado de alívio por não ter de ir a Cuba, uma tamanqueira sem solução que custa à URSS US\$ 4 bilhões ao ano, no mínimo, e ouvir discursos de 5 horas de Fidel, sem falar das conversas particulares, quando teria de pisar em ovos para se conter, porque Fidel não tem picas a ver com "Glasnost" ou "Perestroika" e já resmungou de todo jeito contra as duas coisas. O outono deste patriarcalismo vai dar o que falar... Os russos resistiram muito a deixar Cuba aderir ao "bloco socialista", desencorajaram ao máximo Fidel a se declarar "marxista leninista" e nunca acreditaram em que os EUA deixassem. Quando deixaram, daí ao delírio de grandeza de Khrushchev de instalar mísseis nucleares de médio alcance em Cuba, 1962, que foram retirados sob vara da marinha dos EUA, e arsenal nuclear, idem. Os mísseis nunca foram armados nuclearmente, o que o vulgo desconhece, mas o mundo passou por sua mais séria crise nuclear naquele outubro distante. E agora os soviéticos têm de sustentar a tamanqueira. Cuba é a própria desconstrução. Importa açúcar, de que é grande produtora, e exporta óleo, que não tem. Haverá algum maranhense no governo?

Gorby, deve ter ficado estarelecido com Noviorque, Manhattan. Em Washington, 1987, quando saltou da limusine zil para saudar gente, era um pessoal bem comportado que ficou atrás do cordão de isolamento. Aqui, na Broadway, lugar perigosíssimo para qualquer cidadão trajado convencionalmente, não sabia se a massa ia linchá-lo ou abraçá-lo. Isto é Noviorque. Há um delírio demoníaco no ar. As pessoas na rua — os nativos — parecem possessos. Não olham para nada e ninguém. Olham para dentro de si próprios. A cidade tem qualquer coisa de alucinado, que vem, a meu ver, de uma paixão pelo poder, que é transmitida dos prédios gigantes. Assim como o outro, em Veneza, se ignorarmos os turistas (cada dia mais difícil, porque nos atropelam com seus gritinhos e nos deram sorvetes na nossa roupa) transmite o amor ao dinheiro, que, aqui, fica em segundo plano para o poder. O desejo de ser o "número uno" em qualquer coisa. E Gorbachev, claro, é "número uno", o único estadista interessante do nosso tempo, à parte Margaret Thatcher. A madame está no leme de um barco furado, jogando água para fora com concha. E Gorbachev pensando, segundo Seixas, o que seria de mim sem os conselhos de Sarney, mostrava na cara um misto de repulsa e atração por este espetáculo humano (?) único. A cidade acachapa o não iniciado em seus estranhos ritos, e Gorbachev, de personalidade forte, deve ter sentido o desafio, porque sabe que é aqui que está a força da América, e não em Washington, e poderia ver muito dos três mundos em Noviorque: primeiro, terceiro e quarto... em volta da cidade, por sinal, a "Cavaleiro", como se dizia, estão 13 bases de mísseis nucleares de longo alcance. Não sei quantos ou qual é o alvo, mas quanto a este não é preciso ser pitoniza para adivinhá-lo. Acho que Noviorque alucinou Nikita Khrushchev, que lá pelas tantas bateu com o sapato na sua mesa da ONU, em 1960, o que deve ser uma expressão comum de personalidade camponesa. Gorbachev pode se consolar com a maioria dos americanos que não se sente à



vontade em Noviorque, de que dizem rotineiramente, um lugar para se visitar, mais eu não gostaria de morar lá.

O prefeito da cidade, Ed Koch, que está doidinho da silva, porque governa Noviorque já há 11 anos, disse da visita de Gorbachev: "Depois que ele olhar a cidade não vai querer mais voltar para a roça". É grosseiro, mas correto espiritual se não factualmente. Trotsky é o único líder soviético a ter visto a cidade, no início do século, tendo morado no lado leste inferior, entre os imigrantes (há toda espécie de boatos, de que trabalhou num filme como extra e de que foi assistente de alfaiate. Nada provado). Mas ficou fascinado e disse que ficou fascinado.

Gorbachev lembra "Pedro, o Grande", na famosa viagem que fez ao mundo externo, em que muíques e religiosos se atiravam aos pés do TZF, implorando-lhe que não fosse para o estrangeiro, porque lá estava "o mal". Mas ele poderia citar, como sempre, Lenin, que dizia querer que a URSS fosse como os EUA na autobiografia de Armand Hammer, que imagino publicada aí, Lenin lhe mostra um catálogo de produtos americanos e diz querer que a União Soviética fosse igual, mas socialista, naturalmente. Ainda que Lenin não diga isso, podemos subentender. Já Trotsky, mais grosso, pediu a Hammer colaboração dos capitalistas americanos, que seriam poupados, ou os últimos a serem enforcados depois da revolução socialista... não é só Koch que endoideou.

Ezra Pound

Lia a enorme biografia de Ezra Pound, **A serious character, the life of Ezra Pound** (1005 páginas, Houghton Mifflin, Boston, US\$ 40), de Humphrey Carpenter, que entende do riscado. Já biografou brilhantemente Auden, e faz a chamada "alta vulgarização", ou seja, explica, sucintamente o chorrilho de citações do chinês — que Pound não conhecia — grego — idem — latim, e as personalidades históricas citadas nos cantos, muitas absolutamente obscuras, e não tenta qualquer interpretação definitiva, do poeta, que tem muitos fanáticos, encabeçados pelo crítico Hugh Kenner, autor de um livro chamado **A era Pound**, como se Pound

dominasse a poética do nosso tempo, e dos seus inúmeros detratores, que alguns consideram Pound um poeta com momentos supremos e falas; e outros se concentram no seu anti-semitismo, ainda que Pound se tenha referido a este, no fim da vida como um "preconceito suburbano".

Talvez seja melhor a maneira de Carpenter, de deixar correr se impor ao leitor uma opinião, já que esta é o que não falta sobre Pound, tema de milhares de púsculos. Se ser um grande poeta é ter mais escrito sobre você do que qualquer outro poeta, Pound é o maior poeta do nosso tempo.

Mas é? É uma questão de gosto. Carpenter me parece o mais objetivo que se possa ser. Só lhe contesto que "**fished by obstinate islands**", num poema famoso, é as ilhas. A Inglaterra (ainda não seja uma ilha). Ele acha que se refere a uma pescaria de Ulysses na Odisséia. E lá pelas tantas Pound pôs num dos cantos uma palavra ruim sobre seu carcereiro, coronel Steele, e Carpenter escreve que Steele "refutou" Pound. Imagino que Carpenter queria dizer "contestou" em vez de "refutou", palavra que quer dizer "encerrar o assunto", que não está absolutamente encerrado.

Pound emerge para mim, do livro, um cidadão que chegou à maturidade, ou seja, acima dos 30 anos, antes da primeira guerra, a "Grande Guerra", como já foi chamada, em 1914-1918, e que nunca mudou muito. Era um **dandy** tipo Oscar Wilde e acreditava na necessidade de "**epater les bourgeois**". Me parece que depois desta guerra à burguesia não se deixava mais "**epater**" por artista algum, ao contrário, aderiu ao modernismo. Pound nunca notou esta transformação e está sempre querendo chocar. Sua erudição era fajuta, num certo sentido, o de ir ao fundo do que estudava. Não ia, mas sabia muito no varejo, ainda que às vezes — quase sempre — com atraso. É fantástico que Pound só tenha ouvido falar de Rimbaud e Apollinaire depois da Primeira Guerra, por exemplo, o que Carpenter prova citando várias cartas de Elliot aconselhando Pound a estudar o modernismo francês. E, sexualmente, outra surpresa. Sua primeira mulher, muito bonita, Dorothy Shakespeare, parece ter permanecido num "**marriage blanc**" até que ele começasse a experimentar prostitutas de Paris, aos 32 anos, quando, pelo que Carpenter deixa entrever, Pound seria virgem, também. Dorothy teve um filho com Pound, Omar, e parece ter encerrado sua vida sexual. A outra mulher dele, amante, Olga Rudge, deu-lhe uma filha, Mary, autora de um livro de memórias, **Discretions**, que acho excelente.

Pound, como eu já escrevi aqui, descobriu Eliot e editou **The waste land** de maneira a transformá-lo no poema mais famoso do século. E não só isso. Deu a mão a D.H. Lawrence, reconhecendo-lhe o talento como poeta (é preciso faro para isso, porque Lawrence não sabe escrever poesia sobre seres humanos, só sobre objetos e animais), publicou **Dublinenses**, de Joyce, e encorajou-o em **Ulysses**, que, parece, achava chatíssimo. E Pound ainda foi uma espécie de secretário de W.B. Yeats, o outro grande poeta de língua inglesa, do século, com Eliot. Tirou Yeats de uma fase péssima de "crepúsculo celta", e, assim, pode se declarar o "editor" do último Yeats, musculoso e profeticamente terrível, muito dentro da nossa realidade.